



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

Maio

Nº 375

A Esfinge Amazônica: Problema e Solução

Gen Ex R/1 Maynard Marques de Santa Rosa

Publicado por DefesaNet

AAmazônia tem o formato de imensa concha verde, com a cabeça no Marajó e os olhos em Belém e Macapá, voltados para o Atlântico. Confinada entre os Andes, o Planalto Central Brasileiro e o Maciço Guianense, é um bioma fechado e isolado do restante do Continente. Tem o rio Amazonas como eixo gravitacional e espinha dorsal de uma rede de 20 mil quilômetros de vias navegáveis vitais para a circulação humana. O fator ecológico condiciona a forma de vida da sociedade, mais do que a vontade humana.

A configuração compacta ajudou a preservar a integridade política e dá à Região uma vocação autônoma. O Grão-Pará formou-se independente do Brasil, durante 209 anos, até o colapso do pacto colonial, em 1823. Após a independência, eclodiu a revolta da Cabanagem, entre 1835 e 1840, extravasando o ressentimento nativo contra a tirania e a exploração histórica dos colonizadores. Nesse turbilhão, a soberania nacional só foi salva graças ao patriotismo do líder cabano, Eduardo Angelim¹. A convulsão consumiu 20% de toda a população e foi sufocada pela força das armas, ao custo de um trauma que ainda sobrevive nos arcanos do inconsciente coletivo.

O mistério que envolve a Hileia, sua hidrografia singular, floresta exuberante e habitantes exóticos, tem alimentado lendas, mitos e interesses, desde o tempo do descobrimento. Djalma Batista, primeiro presidente do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), em sua obra O Complexo da Amazônia, comparou-a a uma esfinge da ciência, pelos desafios que apresenta. Para o observador externo, a Região é um paraíso oculto na imensa floresta. Para quem nela habita, porém, a realidade está mais para o Inferno Verde, de Alberto Rangel, pelo calor insuportável, nuvens de mosquitos e micro-organismos invisíveis, que nutrem o flagelo das moléstias tropicais. Por isso, é mais

¹ Difícil concordar com o general neste ponto. A Cabanagem surgiu em 02 Jun 1831 sem a presença de Eduardo Francisco Nogueira (Angelim). O líder era Antônio Vinagre. Em 1834, Angelim e outros elementos urdiram a derrubada do Presidente da Província Bernardo Lobo de Souza. No vale do Acará, em outubro, uma tropa legal comandada pelo Major José Maria Nabuco de Araújo foi surpreendida por Vinagre e Angelim. **O major e mais três de seus homens foram simplesmente assassinados** (Donato, 1996, p. 564). Depois de ter sido Presidente do Pará, Angelim se evadiu e foi preso em 20 Out 1835. O Pará foi então pacificado. Fica difícil sustentar a ideia de patriotismo de Angelim, e mais, de ter ele salvado a soberania nacional (Muxfeldt; Giorgis, 2020, p. 59).

seguro orquestrar a preservação midiática em Londres, Paris ou Nova York, do que pôr a mão na massa nas barrancas dos igarapés.

A Amazônia brasileira é 15% maior do que a Índia, mas sua população é 77 vezes menor. São 25 milhões em toda a Amazônia Legal. As cidades abrigam 80% do total. No imenso deserto verde, vivem somente 20%, mas a tendência é de esvazião-se cada vez mais, em busca de vida melhor. O Dr. Armando Mendes clamava que o vazio demográfico é o maior problema político da Amazônia. É que, sem população, não há presença do Estado. Para o nosso alento patriótico, a taxa de crescimento populacional nativa é quase o dobro da média nacional. Mas, 42% desses brasileiros encontram-se abaixo da linha de pobreza, e o IDH regional é inferior à média nacional, segundo o IBGE.

O risco geopolítico é notório na Calha Norte, que ficou praticamente intocada no ciclo da borracha, devido à baixa competitividade da seringueira local – a “hevea benthamiana” – em relação à “hevea brasiliensis”, responsável pela riqueza dos seringais da calha Sul. O vazio populacional do Norte do Pará é um desafio à Segurança Nacional.

Nos dias atuais, interesses inconfessáveis, patrocinados do exterior, criam pressões de toda a ordem, imperceptíveis ao grande público, mas que vêm impondo ao mapa da Hiléia uma espécie de área de exclusão econômica, que se replica em uma legislação interna cada vez mais restritiva. Há mais de 100 mil ONGs operando na área, sem qualquer controle governamental, muitas delas financiadas por agências internacionais. Com isso, os recursos naturais são sonegados à atividade produtiva e o excesso de legislação sufoca o agronegócio, estimulando a migração rural e a favelização das cidades.

A mestiçagem natural, decantada como avanço civilizatório por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, vem sendo repelida pelos “antropólogos da ação”, cuja ideologia artificial rejeita a “integração do índio à comunhão nacional”, um princípio consagrado pela História. Estranhamente, instituiu-se no Brasil o costume de criar reservas indígenas e quilombolas, sob questionáveis argumentos etnológicos, e em geral sem respaldo histórico, gerando problemas até mesmo na Faixa de Fronteira. Os chineses resolveram a questão de soberania sobre as áreas remotas do Tibete e do Sinkiang, por meio de uma política de investimentos maciços em infraestrutura de transportes e migrações em massa de pessoas da etnia han, fazendo suplantar as populações locais tibetana e uigure.

O território amazônico representa mais da metade do Brasil. É a última fronteira demográfica e biológica do Planeta e a maior província mineral e hídrica da Terra. No entanto, sua contribuição para o PIB nacional não passa de 8%. A matriz econômica regional é subdesenvolvida. A base produtiva ainda se assenta no extrativismo e nos subsídios federais. O comércio intrarregional é incipiente. A Zona Franca de Manaus esgotou-se como modelo de desenvolvimento. O que dela se pretendia, visando a beneficiar toda a Amazônia Ocidental, ficou concentrado na região metropolitana e, a cada ano, cresce a tendência de redução da sua contribuição ao PIB do Amazonas. O balanço fiscal de todos os Estados amazônicos é deficitário, se excluída a parcela das transferências obrigatórias da União. A infraestrutura de transporte, energia e telecomunicações é deficiente e onerosa. O frete de um contêiner de 20 polegadas, que custa 750 dólares de Santos a Shangai (na China), fica por U\$ 1.229 entre Manaus e Santos.

Ao longo do tempo, pouco se fez em relação à magnitude dos problemas e o risco cresceu, passando do discurso ambientalista à ameaça de pressão diplomática, econômica e militar, ainda que velada. Infelizmente, há mais de 30 anos, falta um plano efetivo de desenvolvimento regional. O descaso pode ser aferido nas condições da rodovia BR-319, abandonada durante 25 anos pelo governo federal, com a omissão das autoridades do Amazonas e de Rondônia. E a ligação rodoviária do Pará ao Amazonas pela via TRANSAMAZÔNICA permanece no estado original.

A propaganda adversa procura incutir a confusão entre preservação “in natura” e sustentabilidade, e o noticiário confunde propósitadamente o desmatamento legal com o ilegal, tudo para criar resistência na opinião pública. Na verdade, o que tem de ser preservado é o equilíbrio ecológico, implícito no conceito de sustentabilidade, o que implica avaliar previamente e compensar o impacto ambiental dos projetos.

O Programa de Integração Nacional das décadas de 1960 e 1970, voltado à implantação da infraestrutura econômica regional, ficou inacabado, devido à crise do petróleo. A Calha Norte precisa ser povoada e integrada ao restante do país. Uma possível solução seria a construção da ponte de Óbidos sobre o rio Amazonas, permitindo a sua integração rodoferroviária e a transformação de Santarém em centro regional.

Se a economia permanece estagnada enquanto cresce a população, cai a renda-per-capita e prolifera a insatisfação social. O risco aumenta na proporção da taxa de crescimento urbano. A favelização das cidades ecoa o esvaziamento rural. A Região precisa de novas opções de desenvolvimento, enquanto é tempo. Um século e meio após a cabanagem, ainda persistem os males da ignorância e da falta de civismo e espírito comunitário, sobretudo no interior. O ensino superior permanece defasado em relação ao restante do país. Falta capital humano. A geração atual

tem um viés resignado, fruto da miscigenação, que diluiu os traços guerreiros e anarquistas dos cabanos nas torrentes migratórias do ciclo da borracha, mas a conscientização se faz lentamente.

Uma alternativa para o desenvolvimento seria a viabilização do mercado interno regional. Para isso, realizar investimentos maciços em infraestrutura de transporte e energia. Em complemento, o renomado agrônomo Kingo Oyama sugere que uma política agrícola é mais importante para a solução dos problemas ambientais do que a própria política ambiental: “A domesticação das espécies amplia a oferta de produtos nativos, barateando o preço. Podem-se plantar fruteiras nativas em grande escala, pois existe mercado potencial para esses produtos. E há condições de se fazer uma revolução na produção de pescado”.

Portanto, a necessidade fundamental da Amazônia é de progresso, isto é, de desenvolvimento econômico e social. É imperioso que se façam investimentos e se removam as amarras artificiais de uma legislação restritiva, para permitir o aproveitamento do imenso potencial regional pelo empreendedorismo privado, única forma capaz de induzir o crescimento autossustentável e tornar a economia autônoma.

Fontes para a nota de rodapé nº 1:

BENTO, Claudio Moreira, Cel. GIORGIS, Luiz Ernani Caminha, Cel. Brasil – Lutas Internas (1500-1916). Resende/Barra Mansa: FAHIMTB/IHTRGS, 2016, p. 131.

DONATO, Hernani. Dicionário das Batalhas Brasileiras. São Paulo: 1996, p. 564.

MUXFELDT, Virgilio Ribeiro, Gen Ex; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha, Cel. O Exército Imperial. Porto Alegre: Renascença, 2020.



DIA DAS COMUNICAÇÕES

Em 5 de maio de 1865, nascia, em Mimoso, Mato Grosso, Cândido Mariano da Silva Rondon, que tornar-se-ia marechal aos 90 anos, em 1955, recebendo as insígnias em sessão solene do Congresso Nacional. Foi promovido em razão de sua dedicação integral às lides castrenses e por seu amor à Pátria e espírito de sacrifício. Como reconhecimento de toda a Nação brasileira, recebeu o título de

Patrônio da Arma de Comunicações do Exército Brasileiro e teve sua data natalícia escolhida para a comemoração do Dia Nacional das Comunicações. Os feitos de Rondon foram marcantes para o Brasil, pois desbravou mais de 50 mil quilômetros de sertão, um território, até então, totalmente inexplorado, construindo mais de 2.000 quilômetros de fios telegráficos, abrindo estradas, implantando postos

de serviço telegráfico e núcleos habitacionais e unindo os pontos mais afastados do País aos principais centros urbanos. Com o passar dos anos, as Comissões de Linhas Telegráficas evoluíram para Comissões Rondon, reunindo diferentes ministérios e inúmeros profissionais de diversas especialidades. Dentre os seus legados, destaca-se o trabalho cartográfico desenvolvido no mapeamento das regiões desbravadas, tendo como produto a Carta do Estado de Mato Grosso, o que contribuiu para que 15 novos rios viessem a figurar em nossos mapas como resultado de suas explorações fluviais. Uma região de 500.000 km² foi integrada e compilada em 70 volumes, contendo relatórios referentes à Biologia, Geologia, Hidrografia e a todos os aspectos das áreas desconhecidas até a época. Destaca-se, ainda, o inventário de 20 mil exemplares de nossa fauna e flora. As expedições de Rondon, extrapolando as fronteiras do Brasil, renderam ao grande sertanista o reconhecimento internacional de sua obra. O nome do Marechal Rondon foi escrito em letras de ouro maciço no Livro da Sociedade de Geografia de Nova Iorque, como o explorador que mais profundamente penetrou em terras tropicais, ao lado dos descobridores dos polos norte e sul, Amundsen e Peary, e dos exploradores que mais profundamente adentraram em terras árticas e antárticas, Charcot e Byrd. Como indigenista, no trato com os índios e na sua integração à sociedade, Rondon destacou-se pela promoção da paz, pacificando tribos; estudando a cultura, os usos e os costumes dos habitantes dos lugares percorridos; e participando da criação de medidas legais de proteção aos silvícolas. Essa postura é claramente condensada em seu lema “Morrer se preciso for, matar nunca”. A paz personificada no insigne marechal não se restringiu ao Brasil, tendo sido indicado duas vezes ao prêmio Nobel da Paz, em 1925 e em 1957, quando 15 nações endossaram a proposta com seu nome. Rondon foi nomeado Diretor Brasília - DF, 05 de maio de 2021 da Fundação do Serviço de Proteção aos Índios, precursora da atual Fundação Nacional de Assistência ao Índio, em face do muito que já realizara e da estatura moral e intelectual patenteada em toda a sua carreira. O tráfego de informações entre emissor e receptor é um requisito básico para o sucesso das atividades em grupo, seja no mundo animal, seja na evolução das sociedades humanas, sendo esta uma atividade instrumentalmente praticada desde os tempos mais remotos, antes mesmo da linguagem

verbal e da escrita. A construção e o aperfeiçoamento gradativo dos diferentes métodos empregados na transmissão de mensagens foram fundamentais para o progresso da civilização humana. Na arte da guerra, as Comunicações sempre foram essenciais para as ações de coordenação no campo de batalha. Meios e sistemas de comunicações foram desenvolvidos pela engenhosidade humana para garantir a transmissão de ordens, a conjugação de esforços e a monitoração do campo de batalha. O trabalho silente foi e sempre será necessário e fundamental para assegurar as vitórias no entrechoque das nações. No Brasil, dos primórdios coloniais em Guararapes à espada invicta de Caxias, mesmo antes da existência como Arma, as Comunicações estiveram presentes e evoluíram com o Exército, como, por exemplo, na Guerra da Tríplice Aliança, quando o telégrafo de campanha foi utilizado pela primeira vez em um campo de batalha na América do Sul. A 2ª Guerra Mundial representou o nascedouro da Arma de Comunicações com a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), quando a 1ª Companhia de Transmissões foi a responsável por instalar, explorar e manter as comunicações da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, comandada pelo Marechal Mascarenhas de Moraes. O sucesso obtido na Itália pelo então Serviço de Transmissões, uma das atribuições acumuladas pela Arma de Engenharia, conduziu à criação da Arma de Comunicações em 25 de agosto de 1956. Como patrono, foi designado o Marechal Rondon, pelo Decreto 51.560, de 26 de abril de 1962. Atualmente, a “Arma do Comando” cumpre relevantes missões que crescem de forma exponencial na já denominada pós-modernidade da era da informação e do conhecimento, cujo cenário de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade transforma a guerra e agrega um futuro desafiador considerado frágil, angustiante, não linear e, por vezes, incompreensível. O Comando e Controle, a Guerra Eletrônica e a Defesa Cibernética exigem que o comunicante busque sempre o auto-aperfeiçoamento para bem cumprir suas atribuições. As incertezas das ameaças na assimetria de um campo de batalha altamente tecnológico exigem, cada vez mais, comunicações rápidas, flexíveis e eficientes, a fim de se manter o Comando e Controle em todos os níveis. A transformação do Exército busca ampliar a capacidade operacional da Arma, transformando organizações militares, como os batalhões Brasília - DF, 05 de maio de 2021 de

comunicações e as recentes unidades de comunicações e guerra eletrônica, por meio da implementação de capacidades para atuar no horizonte cibernético da guerra centrada em redes, aperfeiçoando a infraestrutura do Sistema de C2 do Exército. Além disso, intensifica-se o emprego conjunto de diversos equipamentos dos Sistemas de Comunicações Estratégicos e Táticos com avançados meios, como os terminais terrestres do Sistema Militar de Comunicações por Satélite (SISCOMIS), o Sistema de Radiocomunicação Digital Troncalizado (SRDT), os terminais e módulos de telemática, além da constante atualização do Sistema de Comunicações de Área (SCA), aliados ao incremento dos diversos sensores e atuadores do Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON) e dos sistemas integrados baseados em Tecnologia da Informação e Comunicações. Nobres

comunicantes, parabéns pelo transcurso do seu dia! Prossigam honrando o patrono de sua Arma que, com seus princípios e valores pessoais, éticos e morais, e dotado de coragem, capacidade técnica, vigor físico e tenacidade moral inigualáveis, além de incansável persistência em cumprir seu dever profissional, tornou-se eterno exemplo para o mundo. O nome de Rondon deve pulsar no coração de todos os comunicantes capazes de aliar o conhecimento técnico à capacitação operacional, necessários para a superação dos desafios do presente e o vislumbre do futuro promissor da Força Terrestre em constante transformação. Que o lema das Comunicações de “Sempre Servir” esteja presente no trabalho diuturno de cada militar, tal como ecoou na vida e no trabalho do insigne Marechal Rondon. “Sempre estarás na vanguarda e cumprirás do comando as missões!”



Acesse o novo texto do Cel Vogt “Coisas de guri” pelo blog: www.escritorcfvogt.blogspot.com.br



10 de maio – Dia da Cavalaria

Canção da Cavalaria: https://youtu.be/wkc3eOR9_Zs



Aos prezados amigos, colegas, companheiros e correspondentes da arma de Cavalaria os cumprimentos da AHIMTB/RS e d'O Tuiuti.

Homenagem aos ditos “senhores da amplidão” com seus cavalos, carros de combate e helicópteros, sempre combativos, sempre prestativos, sempre valentes no cumprimento de suas missões. Sem os “olhos” da Cavalaria seria praticamente impossível aos exércitos o bem cumprirem as suas missões.

Conforme o Noticiário do Exército Edição Especial de 10 de maio de 2015:

A palavra Cavalaria tem origem no sânscrito “AKVA”, que significa combater em vantagem de posição. Essa vantagem foi adquirida no decorrer da evolução da guerra, quando o homem que combatia a pé passou a combater em cima de plataformas empurradas, primeiramente, pelo próprio homem. Essa ideia foi aprimorada e as plataformas passaram a ser carregadas por animais de grande porte, como elefantes, camelos e cavalos. A partir desse momento, a mobilidade e o poder de choque que lhes foram conferidos, tornaram a Cavalaria a Arma decisiva do combate. Suas cargas avassaladoras protagonizaram os principais embates na Idade Média e, aos poucos, seu emprego foi moldando o que se tornariam características básicas da Arma: atuar em largas frentes; reconhecer; informar; prover a segurança dos exércitos; e, principalmente, realizar manobras ofensivas, envolvendo e perseguindo o inimigo. As raízes da Cavalaria brasileira surgiram com o Regimento de Dragões Auxiliares, após o conflito com os holandeses em Pernambuco. No final do século XVIII, no governo do Marquês de Pombal, foi criado, no Rio de Janeiro, o Regimento de Dragões, com o objetivo de preservar a ordem e garantir o cumprimento das leis. No sul do Brasil, o Regimento de Dragões do Rio Grande desempenhou importante papel ao guarnecer as fronteiras nos conflitos em torno da Colônia do Sacramento.

E conforme o site <https://www.defesanet.com.br/terrestre/noticia/15309/EB---Dia-da-Cavalaria/>

A palavra cavalaria deriva do sânscrito “AKVA”, que significava uma forma de guerrear na qual guerreiros, do alto de plataformas montadas em elefantes, camelos, cavalos ou carros de guerra, combatiam em vantagem de posição.

Portanto, salvo melhor juízo, AKVA significa “plataforma”, ou seja, a Cavalaria atua sempre sobre plataformas. Aos cavalarianos as nossas melhores homenagens.



Ainda sobre a Cavalaria, sugerimos aos leitores assistirem o seguinte vídeo no Youtube, que trata dos blindados pesados nos exércitos da atualidade:

<https://www.youtube.com/watch?v=vLSwhEO2jK0>



OBRA RECEBIDA POR DOAÇÃO E À DISPOSIÇÃO DOS INTEGRANTES

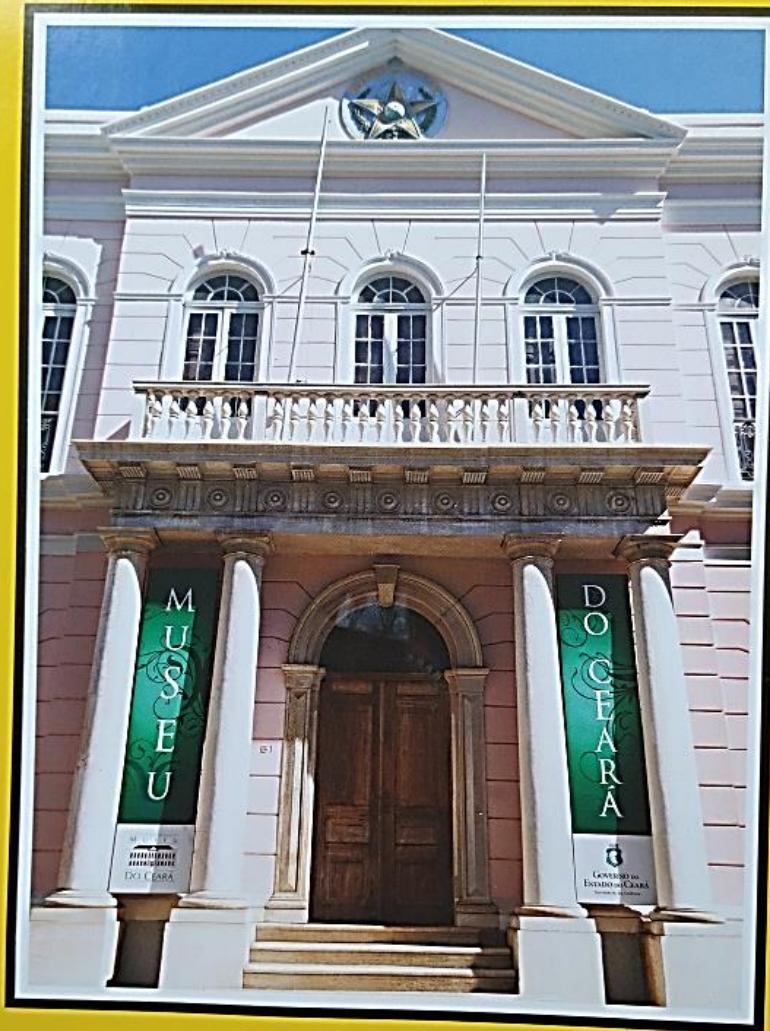
Na página seguinte, a capa do livro MUSEU DO CEARÁ, doado à AHIMTB/RS pelo nosso prezado amigo cavalariano Cel Gilberto Almeida.

A obra é fartamente ilustrada, e mostra o interior e muitas das peças constantes do acervo.

Ficha catalográfica:

MUSEU DO CEARÁ. São Paulo: Banco Safra: 2012

O Museu foi inaugurado em janeiro de 1933 e fica situado em Fortaleza à Rua São Paulo, 51 - Centro, CEP 60030-100. Fone: Telefone: (85) 3101-2609



Museu do Ceará

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE -

Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>